

## LUTA NAS MORADIAS

# “O CRUSP nasceu de uma ocupação e sempre cresceu e se fez mais digno mediante protestos e ocupações. Sem luta, ali, não se consegue nada”

Causa Operária entrevista nesta semana Pedro Luís Machado Sanches que foi morador do Conjunto Residencial da USP, formado bacharel em filosofia e está terminando seu doutorado em arqueologia na USP. O ex-aluno da graduação protestou contra o ataque da Coseas enviado a estudantes, funcionários e professores da USP através de mensagem eletrônica em que as assistentes da Coseas incitavam que todos se voltassem contra a legítima ocupação por moradia e contra a ditadura no CRUSP.



Pedro Luís Machado Sanches em trabalho de campo arqueológico próximo à Serra da Capivara, PI.

**Causa Operária – Por que você decidiu se manifestar no caso da ocupação pelos estudantes da sede da Coseas (Coordenadoria de Assistência Social)?**

**Pedro Sanches –** A mensagem eletrônica enviada para toda a comunidade uspiana (um spam!) solicitando apoio contra os estudantes que ocupam as dependências da Coseas desde o dia 18 de abril foi para mim um insulto. Quem viveu por sete anos no CRUSP sabe muito bem as condições às quais estão submetidos os moradores do Conjunto Residencial (vigilância 24 horas, aumento sistemático do preço do banheirão, fechamento do Campus e suspensão do transporte público nos fins-de-semana etc.). Ninguém se aventurava a fazer uma ocupação como esta para se divertir ou para se promover.

O spam da Coseas serviu para documentar a política de lançar a comunidade universitária contra os moradores do Conjunto. Isso vinha sendo feito de modo velado, para convencer que a moradia era onerosa e desnecessária. Agora se fez descaradamente e eu não pude ficar calado.

**Causa Operária – Em quais anos você foi morador do CRUSP?**

**Pedro Sanches –** Entre 1995 e 2001. Nos últimos meses, já na pós-graduação, fui “hospede irregular”. A Coseas se recusou a renovar minha bolsa moradia. Eu não tinha emprego na época e até hoje não entendo a decisão.

**Causa Operária – No blog da ocupação da Coseas foi publicada uma carta em que você afirma “Assisti o Crusp de Madeira, com janelas amplas e apartamentos de dois grandes quartos coletivos dar lugar aos atuais três quartos estreitos e escuros (com janelas venezianas que não se abrem por completo), quartos individuais em apartamentos dotados de salas pouco funcionais onde foram instaladas as pias, o que tornou impraticável tanto a convivência dos moradores em suas próprias salas, quanto a recepção de hóspedes por qualquer período de tempo”. Você pode relatar um pouco da convivência neste CRUSP antigo?**

**Pedro Sanches –** Havia muitos problemas que também precisam ser lembrados: alguns amigos acabaram abandonando seus cursos por causa da dependência química (nunca houve preocupação da Assistência Social quanto a isso), outros trabalhavam tanto que não tinham tempo de estudar. A

“A reforma feita nos anos 90 visava reduzir a população do CRUSP”

gente se divertia como podia, na piscina do CEPEUSP, no ensaio de uma banda na cozinha do andar, ou nas festas promovidas por alguma faculdade, mas a rotina era triste. Um vizinho que ficou no CRUSP durante a Semana Santa definiu a nossa condição em uma única frase: “Isso aqui é um cemitério cercado de verde!”

Além disso, convivíamos com os problemas de conservação dos prédios: os cupins comiam as paredes com tanta fome que quase não nos deixavam dormir, o sistema original de persianas (que permitia abrir a janela por completo) estava destruído há décadas e o Sol nos tirava cedo da cama, mesmo depois de uma noite longa. Uma colega que é mãe uma vez me pediu para trocar de apartamento comigo. Ao perguntar o motivo, ela me disse que havia um buraco em baixo da janela do seu quarto e ela tinha medo do bebê acabar caindo.

A administração universitária preferiu reformar ao invés de restaurar os apartamentos. Colocaram a culpa do aspecto degradado na madeira e nas persianas, o que hoje me parece um erro e talvez até um crime contra o patrimônio histórico.

**Causa Operária – A que vocês atribuíam na época estas reformas?**  
**Pedro Sanches –** As re-

formas coincidem com um dos muitos regimentos que a Coseas outorgou no CRUSP. Este regimento dos anos 90 previa a limitação do número de hóspedes regulares por apartamento a apenas um.

Quando as paredes eram de madeira, não era inviável ter três ou quatro hóspedes, pois havia mais espaço, a própria assistência social montava as beliches e a decisão de quantas pessoas poderiam viver no apartamento cabia apenas aos moradores. Havia um vínculo maior entre aqueles que moravam no mesmo apartamento e alguma autonomia quanto ao uso comum do espaço.

A arquitetura só acompanhou a política imposta e os novos apartamentos chegaram ao absurdo de ter camas de concreto! Nos blocos B e C, percebemos que os corredores foram alargados em quase meio metro para que a sala dos apartamentos ficasse menor, inviabilizando que estes espaços servissem para hospedar mais de uma pessoa. Muito me espanta agora ver que estão erguendo um novo prédio. A reforma feita nos anos 90 visava reduzir a população do CRUSP.

**Causa Operária – Houve lutas contra estas mudanças?**

**Pedro Sanches –** Sim. Lutas grandes e pequenas. Toda vez que alguém perdia a vaga e continuava precisando morar no CRUSP, usava a escada de emergência para entrar e sair do prédio, evitando ser denunciado pelos porteiros. Isso era uma luta individual e cotidiana por moradia. Sem alojamento, os que chegaram à USP em 1995 tiveram que invadir uma lavanderia abandonada no terreno do bloco B para não ter que dormir nos gramados da universidade. Esse foi um movimento que contou com a solidariedade de muita gente, assim como a ocupação da Coseas ocorrida alguns anos depois.

**Causa Operária – Você comenta também sobre como os estudantes conseguiram no CRUSP ter experiências nas outras áreas do conhecimento e que é de extrema importância para a formação. Você considera que esta convivência resultava em uma posição mais crítica e isso é um problema para a reitoria e também para o governo?**

**Pedro Sanches –** Acho que o CRUSP foi um acidente na história da USP. Os prédios das Faculdades, quase todos erguidos na época da ditadura, ficam estrategicamente distantes uns dos outros. Alguns deles não têm saída para o prédio vizinho! Mesmo após ampliações sucessivas que reaproximaram fisicamente as especialidades, ainda é muito difícil ir das Letras às Geociências, por exemplo. A Arqueologia é ensinada em local estrategicamente distante tanto da História e da Antropologia, quanto das Ciências Naturais. O Banheirão da Farmácia, que colocava nas mesmas mesas estudantes de engenharia, história, química e filosofia, fechou para reforma e nunca mais abriu. Havia um desejo da administração de evitar que a informação circulasse sem a mediação dos professores e da burocracia universitária, um desejo que se expressava fisicamente. O caldeirão cultural que era o CRUSP jamais

se prestou a isso, ao contrário, era para a administração um grande aborrecimento.

**Causa Operária – Quais as medidas tomadas pela Coseas que você pode citar neste período contra os moradores? Já haviam casos como os relatados agora em que as assistentes sociais obrigam os estudantes a assinarem documentos que fardam tratamento psiquiátrico para continuarem na vaga?**

**Pedro Sanches –** Não me lembro de nada semelhante. Aliás, eu conheci gente que passava dias inteiros trancado no escuro, só ouvindo o disco Loki do Arnaldo Baptista, e ninguém nunca se preocupou em fornecer acompanhamento psicológico. A Coseas agia de outra forma: os alunos da FFLCH e da ECA (talvez considerados “potencialmente rebeldes”, embora fossem economicamente mais desfavorecidos) encontravam cada vez mais dificuldades para conseguir uma vaga no CRUSP. Quem morou muito tempo lá pôde perceber que a cada ano chegavam menos calouros da história, da pedagogia e do teatro, cada vez mais da engenharia, da fisioterapia e da administração de empresas.

**Causa Operária – Você participou de uma ocupação no CRUSP? Pode contar um pouco?**

**Pedro Sanches –** Sim. De pelo menos duas. Foi algo decidido em assembleia e difícil de fazer. Aquele negócio que a gente vê em filme: meter o pé na porta e já ir entrando não acontece na vida real. Depois, foi difícil permanecer ocupando, providenciar alimento e colchão para todos, fazer uma ou duas assembleias por dia, negociar, atender os jornalistas e produzir textos divulgando as reivindicações. Muitos colegas foram processados pela USP e responderam à justiça por anos a fio. Não foi brincadeira!

O mais interessante para mim foi poder ver com meus próprios olhos os relatórios que os porteiros eram obrigados a escrever relatando quem tinha dormido no apartamento de quem, o que havia acontecido em determinada festa, como era estranha a senhora que subiu a certo apartamento numa certa noite etc. O Oliveira, porteiro aposentado, mereceu um lugar na Academia Brasileira de Letras! Encontramos também um fardo material de campanha política para governador na sala do diretor da Coseas. Na época, ele disse que havíamos plantado este material lá, mas eu fui um dos primeiros a entrar e vi a caixa cheia de broches e bandeirinhas com os dizeres: “USP vota em S...”

**Causa Operária – Na ocupação, os estudantes encontraram documentos de um “tráfico de segração” em que seriam comprados binóculos para visão noturna, rádios, câmeras em todos os blocos e ainda há projeto de colocar catracas para entrar no CRUSP. Enquanto isso não há reforma nos apartamentos que possuem vários problemas. Como você vê isso?**

**Pedro Sanches –** Isso não me parece incoerente com o que vi no CRUSP por 7 anos. Alguns moradores paranoicos viviam com medo de microfones escondidos na instalação elétrica e coisas do tipo. Sempre achei essas ideias um pouco delirantes. Mas, os porteiros cumpriam o papel de “arapongas”, como pude ver nos arquivos, e essa tecnologia é só um desdobra-

mento do serviço de vigilância que já existia.

**Causa Operária – Gostaria de fazer considerações finais?**

**Pedro Sanches –** Hoje sou arqueólogo, embora tenha feito a graduação em Filosofia. Por conta da minha profissão venho estudando Antropologia, Legislação, Zoologia, Geologia, Arquitetura e até Agrimensura. Acredito que o CRUSP teve um papel fundamental na minha formação e penso que sem a vivência cotidiana com gente tão diferente, não teria despertado o interesse que tenho hoje por outros campos do conhecimento. Além disso, viver no CRUSP é, ou era, uma experiência de solidariedade e de respeito à alteridade. Neste sentido, foi ali

que aprendi a importância de atribuir relevância social ao meu trabalho, de fazer o que se convencionou chamar de Arqueologia Pública. O CRUSP nasceu de uma ocupação e sempre cresceu e se fez mais digno mediante protestos e ocupações. Sem luta, ali, não se consegue nada. Mesmo porque o CRUSP está na contramão das políticas que regem a própria USP. As novas Universidades Federais não reservam lugar em suas plantas para a moradia estudantil (veja o caso dos Campi da UNIVASF, por exemplo) e os programas sociais das instituições de ensino públicas tendem a ser cada vez mais paliativos, se resumem a distribuir pouco dinheiro por um período de tempo limitado. Acho que o CRUSP é uma resistência a isso.



A ocupação da Coseas em 2010...



... e em 1996.

**Nota da redação:** excepcionalmente nesta edição o *Panorama Político da Semana* não será publicado em função da ampla cobertura do 1º de Maio. A sua publicação será retomada na próxima edição.

**CAUSA OPERÁRIA** Semanário de circulação nacional fundado em junho de 1979. Ano XXX - nº 534 de 2 a 8 de maio de 2010. SP, MG e RJ R\$ 4,00 - demais estados R\$ 5,00. Editor - Rui Costa Pinheiro - Tiragem - seis mil e quinhentos exemplares - Redação - Av. Miguel Stéfano n. 349, Saúde, São Paulo, Capital, CEP 04301-010 - Telefone (11) 5584-8322 - Sede Nacional - São Paulo - Av. Miguel Stéfano, n. 349, Saúde, São Paulo, Capital, CEP 04301-010, Fone (11) 5584-8322 - Correspondência e assinaturas - Todas as cartas, pedidos de assinaturas ou de informações sobre as publicações Causa Operária devem ser enviadas para a redação ou para o endereço eletrônico - pco@pco.org.br, página na internet - www.pco.org.br/causaoperaria